

**Produção animal sustentável e campo nativo: uma análise da
Associação de Produtores do Rincão do Vinte e Oito**

**Sustainable animal production and native pasture: an analysis of the
Associação de Produtores do Rincão do Vinte e Oito**

Letícia Paludo Vargas

E-mail: letipvargas@gmail.com

Zootecnista. Mestre e Doutora em Extensão Rural pelo Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (PPGExR-UFSM). Professora da Casa Familiar Rural Ludovico de Marco - Secretaria de Estado da Educação (SED-SC).

Vicente Celestino Pires Silveira

E-mail: vcpsilveira@gmail.com

Médico Veterinário. Mestre em Zootecnia (UFRGS). Doutor em "Resource Management - University of Edinburgh" (1999). Professor Associado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

**Recebido em: 06/04/2018
Aprovado em: 07/05/2018**

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Extensão
Rural (UFV)**

ISSN 2359-5116 | V. 7 | N.1 | JAN-JUN.2018

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo realizar uma caracterização socioeconômica e produtiva dos pecuaristas da Associação de Produtores do Rincão do Vinte e Oito, de Alegrete, RS, que trabalham com a bovinocultura de corte em campo nativo. A pesquisa foi realizada em janeiro de 2017, com entrevistas semiestruturadas aplicadas com os produtores pertencentes à associação. Apesar de alguns problemas sucessórios, a pecuária em campo nativo, continua prevalecendo nas propriedades, já que os produtores se instalaram há muito tempo no meio rural e veem nessa atividade uma tradição, que ganhou força após a consolidação da associação de produtores, possibilitando a organização da atividade produtiva a partir da especialização da produção de bovinos de corte, gerando uma melhoria de renda para as famílias rurais.

Palavras-Chave: Associativismo. Produção animal. Bovinocultura de corte.

ABSTRACT

The objective this research is execute a socioeconomic and productive characterization of the Associação de Produtores do Rincão do Vinte e Oito, from Alegrete, RS, who work with beef cattle in the native pasture. The research was carried out in January 2017, with semistructured interviews applied with the producers belonging to the Association. Although some sucession problems, livestock farming in native pasture prevails on farms, since farmers have settled in rural areas for a long time and see in this activity a tradition, that had benefits after the consolidation of the association, making possible the organization of the productive activity from the specialization of beef cattle production, generating an income improvement for the rural families.

Keywords: Associativism. Animal production. Beef cattle.

Introdução

As diversas transformações que vêm ocorrendo nos ecossistemas, na maioria das vezes relacionadas à ação do homem, e a busca por estratégias para se tentar produzir de maneira ambientalmente sustentável e economicamente viável tornam-se cada vez mais complexas. Dentro da perspectiva de produção animal sustentável, o presente artigo visa abordar o sistema de produção da bovinocultura de corte, de modo a se dar ênfase ao caso da Associação de Produtores do Rincão do Vinte e Oito, que trabalha basicamente com a produção de carneiros em termos de apoio aos pecuaristas familiares através da assistência técnica.

No caso do Rio Grande do Sul, e mais especificamente na região da Campanha, a pecuária continua como a principal atividade realizada pelos produtores rurais, apesar das mudanças dos sistemas produtivos ocorridas em outras áreas do estado. Na região de abrangência da Área de Proteção Ambiental (APA) do Ibirapuitã, localizada no Bioma Pampa, parte sul do estado, que compreende os municípios de Alegrete, Quaraí, Santana do Livramento e Rosário do Sul, a utilização dos campos nativos para produção animal é muito utilizada, predominando a bovinocultura e ovinocultura de maneira extensiva, o que permite uma melhor preservação da biodiversidade. Entretanto, muitas vezes, os produtores encontram dificuldades em manter os animais em campo nativo durante todo o ano, pela baixa oferta de forragem nas épocas mais frias e pelos períodos de estiagem prolongada no verão, acabando por diminuir a rentabilidade da atividade.

No caso da bovinocultura de corte e da ovinocultura, acontecem algumas dificuldades no que diz respeito ao manejo dos animais em campo nativo com pastagens naturais, principalmente pelas alterações ambientais que ocorrem no campo natural, oriundas da ação antrópica. Ainda assim, as atividades se apresentam ambientalmente sustentáveis, quando comparadas a outras atividades produtivas, por terem menores emissões de gases de efeito estufa e degradação ambiental. Além disso, conforme observam Fidelis, Appezzato-da-Glória e Pfadenhauer (2009), os campos naturais são um importante mecanismo de reserva de carbono.

Apesar de algumas particularidades que estão afetando os sistemas de produção da bovinocultura de corte e ovinocultura, os produtores que permanecem com a produção animal, sem converter os seus sistemas produtivos para outras culturas, vêm possibilitando a preservação da biodiversidade, na medida em que, ao manterem seus sistemas de produção, não aumentam o nível de interferência nos ecossistemas locais. Essa possibilidade existe porque, com a pecuária extensiva em campo nativo, que é um

dos principais sistemas adotados por produtores na região, as alterações na pastagem natural são mínimas, já que a criação dos animais nessas áreas permite a manutenção das características da vegetação nativa.

A partir do panorama apresentado até aqui, a respeito da produção extensiva em campo nativo, considerando aspectos produtivos e ambientais da atividade, duas questões emergem como problema de pesquisa: De que maneira a produção animal em campo nativo interfere na sustentabilidade dos ecossistemas da região? E como a Associação de Produtores do Rincão do Vinte e Oito influencia na dinâmica produtiva e econômica dos produtores rurais?

Dentro da região da Área de Proteção Ambiental (APA) do Ibirapuitã, onde está localizada a localidade de estudo, vários produtores, apesar de encontrarem algumas dificuldades socioeconômicas no âmbito das suas unidades de produção agropecuária (UPAs), ainda desenvolvem uma atividade produtiva considerada ambientalmente sustentável, justamente por estar baseada em técnicas agropecuárias, presentes desde a ocupação do território gaúcho. Isso pode ser evidenciado, principalmente, nos sistemas de produção animal, os quais têm a capacidade de preservar a biodiversidade local, quando conduzida de maneira extensiva em campo nativo.

A partir do que foi apresentado a respeito da temática de estudo, o presente artigo tem como objetivo realizar uma caracterização socioeconômica e produtiva dos produtores da Associação de Produtores do Rincão do Vinte e Oito, que trabalham com a bovinocultura de corte em campo nativo.

A importância desta pesquisa está na possibilidade de contribuir para a análise da sustentabilidade das atividades agropecuárias desenvolvidas no Rio Grande do Sul. Além disso, possibilita a análise das potencialidades da região e do papel de uma associação no auxílio aos bovinocultores de corte do estado.

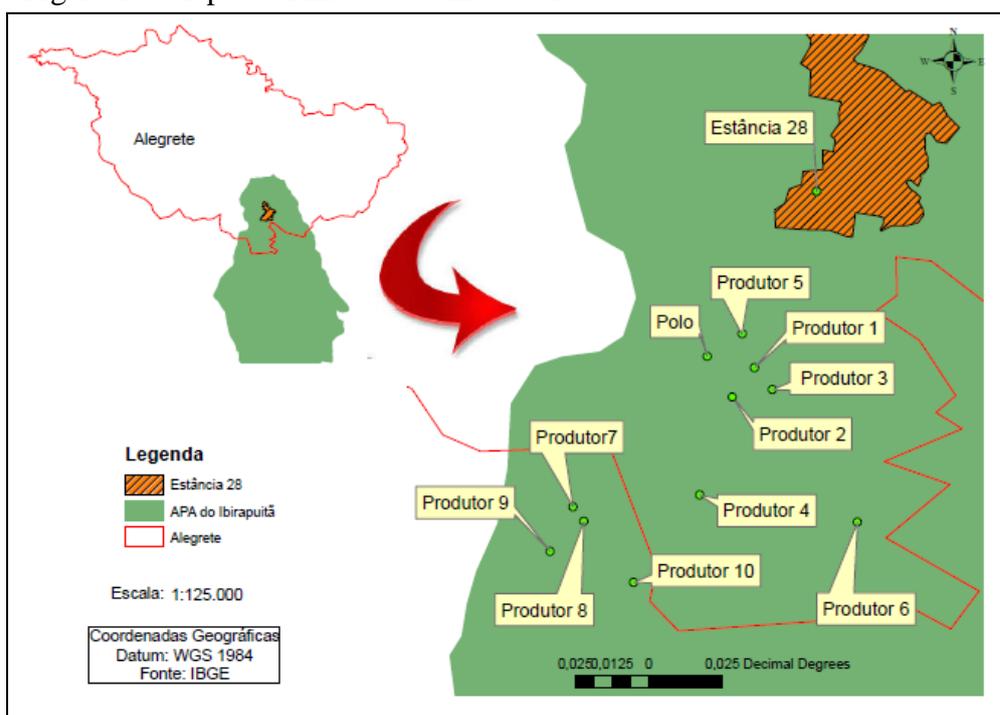
Metodologia

A pesquisa foi realizada no mês de janeiro de 2017, quando ocorreu, primeiramente, uma visita na Fundação Maronna, localizada no município de Alegrete, RS, para definição dos produtores que seriam entrevistados. A partir da definição dos produtores, a coleta de dados foi realizada no Rincão do Vinte e Oito, interior do

município de Alegrete, com entrevistas semiestruturadas aplicadas com os dez produtores pertencentes à Associação.

A escolha das propriedades ocorreu a partir da distância da sede da Fundação Maronna localizada no Rincão, iniciando com as propriedades mais próximas. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. O motivo da gravação e posterior transcrição deve-se ao fato de que as principais falas dos produtores podem ser retiradas para a elaboração de um texto formal. Os produtores foram identificados por números (Produtor 1, Produtor 2, etc) (Figura 1), para garantir o anonimato dos entrevistados.

Figura 1 – Mapa do Rincão do Vinte e Oito



Fonte: elaborada pela autora (2017).

Durante as entrevistas, em alguns casos, a família estava presente, especialmente as esposas dos produtores, que na maioria das vezes auxiliam na produção animal em campo nativo. As falas das mulheres também foram utilizadas na elaboração do texto. Além disso, nos dias da realização das entrevistas na Comunidade, foi possível participar de uma das reuniões mensais dos produtores da Associação, o que auxiliou na melhor compreensão do funcionamento das atividades e organização dos produtores, e permitiram um maior contato com os associados, que discutiram diversos temas de interesse comum, referentes à venda de animais, participação em eventos, compra de insumos, entre outros.

O roteiro de entrevistas semiestruturado continha os seguintes pontos abordados:

a) Caracterização do núcleo familiar: breve descrição da família e do produtor; b) Caracterização socioeconômica e produtiva: dados da propriedade e da produção agropecuária. As questões referentes ao roteiro aplicado com os produtores continham perguntas abertas e fechadas, em que os entrevistados tiveram a oportunidade de expressar sua opinião a respeito de questões sociais, econômicas e produtivas de suas propriedades rurais.

A respeito da entrevista semiestruturada, que combina perguntas fechadas e abertas, Minayo (2012) descreve que esta possibilita ao entrevistado discorrer sobre o tema questionado, sem se prender às indagações formuladas pelo pesquisador. A autora ainda destaca que o trabalho de campo permite uma melhor aproximação do pesquisador com a realidade, além de estabelecer uma interação entre entrevistador e entrevistado, possibilitando a construção do conhecimento empírico (MINAYO, 2012).

Já no que diz respeito ao estudo de caso, Gil (2010) descreve que é possível definir algumas etapas para serem seguidas, são elas: a) formulação do problema ou das questões de pesquisa; b) definição das unidades-caso; c) seleção dos casos; d) elaboração do protocolo; e) coleta de dados; f) análise e interpretação dos dados; e g) redação do relatório. O caso escolhido para a pesquisa deve ser significativo e representativo, para que a pesquisa consiga fundamentar generalizações para outras situações decorrentes em determinado território (SEVERINO, 2007). A razão para o estudo de caso dos produtores da Associação é pela possibilidade de interpretar e descrever aspectos socioeconômicos e produtivos.

O caso escolhido para a pesquisa deve ser significativo e representativo, para que a pesquisa consiga fundamentar generalizações para outras situações decorrentes em determinado território (SEVERINO, 2007), por isso, a razão pela escolha dos produtores da associação em questão se deve a possibilidade de analisar as atividades produtivas desenvolvidas e a sustentabilidade do meio rural na região, além de tentar compreender o papel da associação para os pecuaristas familiares. Além disso, é importante mencionar, que a seleção das propriedades para o estudo está centrada na efetiva participação dos produtores nos projetos desenvolvidos pela associação desde o início das atividades, no ano de 2007.

Resultados e discussão

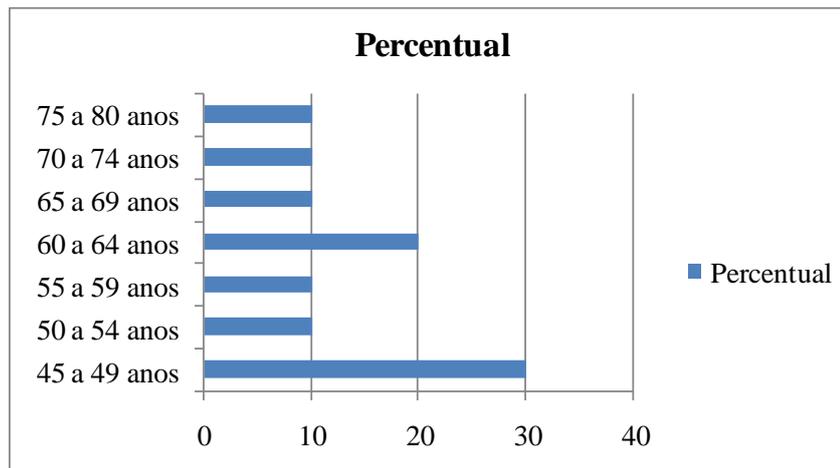
Nesta pesquisa, foi delineado um diagnóstico da realidade dos pecuaristas vinculados à Associação de Produtores do Rincão do Vinte e Oito. Inicialmente, no ano de 2007, os produtores estavam organizados apenas como um grupo, posteriormente, em novembro de 2011 foi criada legalmente Associação, através de uma iniciativa conjunta da Fundação Maronna¹, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), dentre outros. O principal foco da associação é a organização para a venda dos terneiros de maneira coletiva e o auxílio através da assistência técnica aos produtores.

As entrevistas foram realizadas com todos os dez produtores pertencentes à Associação, moradores da Comunidade do Rincão do Vinte e Oito, no município de Alegrete, RS. As conversas ocorreram com os proprietários, que trabalham de uma maneira mais direta com a produção de bovinos de corte e ovinos. Entretanto, o restante da família, especialmente as esposas, também participavam das entrevistas quando se encontravam na propriedade.

No que se refere à idade, os produtores encontram-se em uma faixa etária de 46 a 75 anos, conforme demonstra a Figura 2, a seguir. Pode-se observar que metade dos entrevistados têm entre 45 e 60 anos, e os demais, acima de 60 anos, o que evidencia que a distribuição de jovens que participam da associação é nula. Além disso, para esses associados, a possibilidade de ter sucessão hereditária na propriedade é mínima.

¹ Entidade pública de direito privado sem fins econômicos, com estabelecimentos rurais que são a base da sustentação financeira e que garantem a viabilidade das atividades da entidade. A Fundação está localizada dentro da APA do Ibirapuitã (FUNDAÇÃO MARONNA, 2012).

Figura 2 – Idade dos produtores da Associação de Produtores do Rincão do Vinte e Oito



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Os produtores da região são, em sua maioria, aposentados e residem na propriedade com a esposa, quase sempre sem sucessores para as atividades agropecuárias. Dos entrevistados, 60% moram na propriedade apenas com a esposa, pois os filhos foram para a cidade em busca de emprego ou estudo. Também, alguns dos filhos ingressaram no serviço militar obrigatório e manifestam interesse de permanecer nesta atividade profissional.

A falta de sucessores nessas propriedades é recorrente na região. Um dos pontos destacados pelos produtores durante as entrevistas diz respeito à distância da cidade, já que a sede da Comunidade do Rincão do Vinte e Oito localiza-se a 55 Km do município de Alegrete, com estradas em más condições de tráfego. Além disso, o desinteresse dos filhos também se dá pelas condições diferenciadas entre o meio rural e urbano como, por exemplo, a falta de internet no meio rural (somente há poucos meses a escola da comunidade passou a ter acesso à internet), a distância entre as propriedades, poucas opções de lazer e a baixa densidade de moradores no meio rural, aspectos que impedem a existência de uma vida social mais estimulante para a população jovem.

Durante a entrevista, a esposa do Produtor 5 disse, na presença do seu filho: “Quando encontrar uma companheira, ela tem que gostar do meio rural.” Fatos como esse mostram a preocupação dos pais com a falta de sucessores para a propriedade e com a falta de mulheres no meio rural. Esse casal em questão permanecerá sozinho na propriedade, já que o filho, que até então tinha interesse nas atividades agropecuárias,

foi convocado para prestar o serviço militar, e o outro herdeiro já saiu da propriedade há alguns anos, trabalha na cidade, sem ter a pretensão de voltar para o meio rural.

Esse fato mostra o êxodo rural dos jovens e o êxodo seletivo da mulher, que abandona as propriedades antes dos homens, em busca de melhores condições de vida na cidade. Na pesquisa realizada por Costa e Froehlich (2014), evidencia-se a tendência dos homens de abandonarem o meio rural, ou assumirem a vida solitária a partir da escolha das mulheres que saíram das propriedades, observando, ainda, os graves prejuízos no que se refere à possibilidade de formação de novas famílias.

Apesar do filho do Produtor 5 mostrar interesse em permanecer no meio rural, de acordo com Brumer (2007), alguns aspectos como a visão negativa da atividade agrícola e dos seus benefícios, referentes também às dificuldades na transferência das propriedades para os sucessores e melhores opções de trabalho remunerado no meio urbano, são recorrentes ao se tratar da temática de sucessão geracional. Além disso, a predominância de mulheres que saem do meio rural é maior, levando à masculinização do campo. Nesse sentido, a autora ressalta a falta de um papel principal da mulher no meio rural, pois na atividade agrícola muitas vezes as mesmas atuam apenas no auxílio aos companheiros (BRUMER, 2007).

Em um trabalho realizado por Foguesatto et al. (2016), que analisa os fatores relevantes para a tomada de decisão de jovens no processo de sucessão geracional, demonstra-se que os principais pontos abordados para a não permanência são a falta de: renda regular satisfatória; políticas públicas; escolas técnicas e universidades; reconhecimento dos pais pelas atividades realizadas; espaços de lazer; tecnologias para facilitar o trabalho; acesso aos meios de comunicação.

No trabalho realizado por Vélez-Martin et al. (2015), que descreve algumas experiências de uso sustentável do campo nativo, também na região da Campanha, um produtor destaca que a conservação ambiental é constante na família, e que a permanência no campo vem sendo trabalhada desde os bisavós. Na entrevista de um dos produtores da pesquisa em questão, percebe-se um otimismo, quando um produtor comenta, referindo-se à permanência no campo: “Tivemos anos difíceis, mas acreditamos e continuamos porque os anos bons se sucedem aos ruins, e assim a pecuária vai se valorizando quando aliada ao campo nativo.” (VÉLEZ-MARTIN et al., 2015, p. 164).

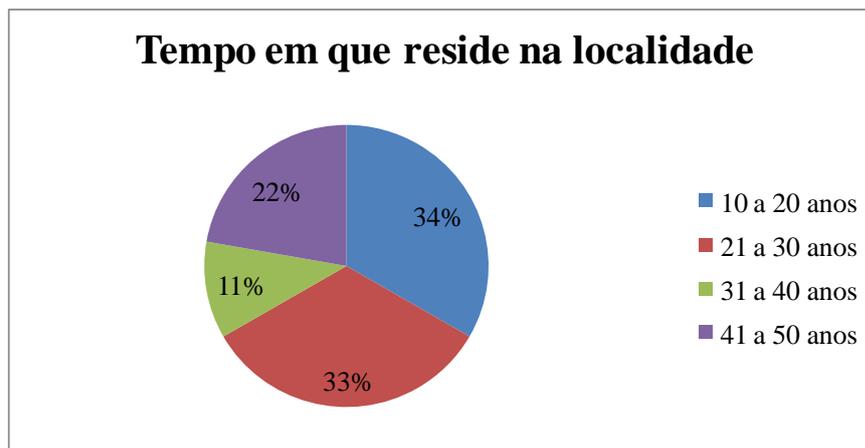
Os demais produtores da Associação de Produtores do Rincão do Vinte e Oito, não moram apenas com a esposa nas propriedades, mas também com os filhos,

geralmente crianças, que não participam ativamente das atividades desenvolvidas. Um dos produtores mora com o filho e a nora, que participam das atividades, e uma neta em idade escolar. Outro caso apreciado nesta pesquisa, é o de um associado que mora na cidade, e vai à propriedade apenas uma vez a cada quinze dias. As atividades de produção animal na sua propriedade são gerenciadas por um funcionário. A respeito desse produtor, por ele não apresentar características comuns com os outros associados, optou-se pela retirada da amostra que compõem o estudo de caso, principalmente pelo fato dele não participar ativamente das reuniões e da venda dos animais na feira, que é uma das atividades principais da associação. Esse associado tem ensino superior completo e trabalha na cidade em outras atividades não agrícolas.

No que se refere à escolaridade, quase a totalidade dos produtores não concluíram o ensino fundamental, apenas cursaram entre a 3ª e 6ª série, ou seja, de acordo com a definição de escolaridade do IBGE, tem entre 4 a 7 anos de estudo. Um dos associados é graduado em Medicina Veterinária, e trabalhou com assistência técnica por alguns anos em propriedades rurais da região, além de ter sido professor em uma escola por alguns anos em disciplinas técnicas.

Todos os produtores sempre tiveram contato com o meio rural, porém, nem sempre residiram na mesma propriedade. A maior parte dos associados (67%) reside nessas propriedades por cerca de 10 a 30 anos, conforme demonstra a Figura 3, a seguir. Pode-se perceber que chegando na localidade há menos de dez anos, não há nenhum associado.

Figura 3 – Tempo em que reside na propriedade localizada no Rincão do Vinte e Oito

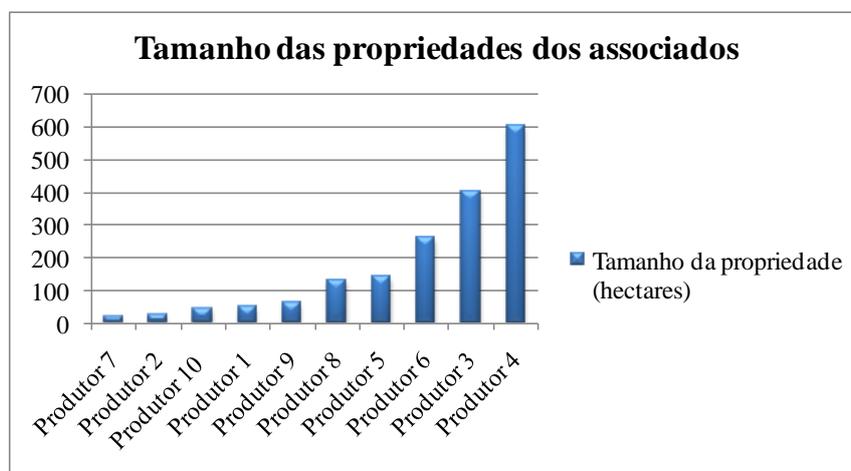


Fonte: Elaborada pela autora (2017).

A maioria dos produtores recebeu as terras como herança dos pais, e arrendaram outras áreas para aumentar o número de animais e a produção e produtividade de suas propriedades. Aqueles que residem há menos tempo nas atuais propriedades, já tinham outro tipo de contato com a pecuária extensiva.

No que se refere aos dados socioeconômicos e produtivos, nota-se que as propriedades tinham seu tamanho bastante variado (Figura 4). A com menor quantidade de hectares tinha apenas 20, e a maior, 600 hectares. A maioria dos produtores constata que as terras foram herdadas da família, e com o passar dos anos foram comprando novas terras ou arrendando de terceiros.

Figura 4 – Tamanho das propriedades dos



associados

Fonte: Elaborada pela autora (2017).

As terras com área de até 300 ha correspondem a 80% do total. As demais (20%) têm acima de 300 ha, uma com 400 e outra com um total de 600 ha. Esses dados apresentam resultados semelhantes ao total do município, onde as propriedades com até 300 ha correspondem a 88%, e aquelas com mais de 300 ha correspondem a 12% do total.

Conforme a Lei nº 11.326/2006, é considerado agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, possui área de

até quatro módulos fiscais², mão de obra da própria família, renda familiar vinculada ao próprio estabelecimento e gerenciamento do estabelecimento ou empreendimento pela própria família. No município de Alegrete, o módulo fiscal corresponde a 28 hectares, nesse sentido, 50% dos produtores poderiam ser enquadrados nessa categoria, pois possuem uma quantidade de terra de até 112 ha.

As propriedades dos associados geralmente estão distantes umas das outras. Os moradores destacam que, após a construção de uma sede onde os membros da associação podem se reunir para reuniões e confraternizações, a dinâmica de participação entre eles mudou consideravelmente. Tanto nas reuniões, quanto nos fins de semana, os produtores conseguem se encontrar para conversar, não só a respeito da produção, mas também para interagir entre eles, o que reforça aspectos sociais e culturais da vida em comunidade.

Cabe mencionar, em relação às associações, conforme ressalta Rios e Carvalho (2007), que essas organizações coletivas têm um caráter sociopolítico, e apresentam uma maneira de poder organizar os interessados de uma forma mais orgânica, sem peso administrativo e econômico de uma empresa, considerando dentre outros, aspectos culturais, de relacionamento e religiosos. Além disso, uma organização social em forma de associação serve como um instrumento de empoderamento e emancipação social, que permite a geração de uma organização mais fortalecida para inserção em determinados mercados, com a possibilidade de gerarem futuramente organizações mais consolidadas, como é o caso de uma cooperativa (RIOS; CARVALHO, 2007).

Todos os produtores destacaram que desde o início das atividades de suas propriedades já trabalhavam com ovinocultura e bovinocultura de corte. Além disso, o Produtor 8 declarou que “Desde 2009, com o projeto de produção de carneiros, o foco é a produção.” A atividade da bovinocultura nas propriedades é para venda, e a ovinocultura geralmente para o consumo, destacando o trabalho oneroso que gera a produção de ovinos e a falta de mão de obra.

² Módulo fiscal é uma unidade de medida, em hectares, cujo valor é fixado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para cada município levando-se em conta: (a) o tipo de exploração predominante no município (hortifrutigranjeira, cultura permanente, cultura temporária, pecuária ou florestal); (b) a renda obtida no tipo de exploração predominante; (c) outras explorações existentes no município que, embora não predominantes, sejam expressivas em função da renda ou da área utilizada; (d) o conceito de "propriedade familiar". A dimensão de um módulo fiscal varia de acordo com o município onde está localizada a propriedade. O valor do módulo fiscal no Brasil varia de 5 a 110 hectares (BRASIL, 1979).

Vélez-Martin et al. (2015) assinalam que a pecuária em campo nativo gera emprego e renda para as propriedades rurais, sejam elas de pequeno, médio ou grande porte, mesmo que abaixo do potencial produtivo que poderia ser atingido com técnicas de manejo mais adequadas. Os autores identificam ainda um dos principais motivos para o não abandono da pecuária, que é relativo à carga de trabalho diária da atividade, capaz de demandar cuidados diários, além de ser um fator de fixação do homem no campo.

Ao analisar outras experiências vinculadas à produção animal, Vélez-Martin et al. (2015) demonstram que para alguns produtores, apesar de admitirem que na ovinocultura o trabalho no campo com as ovelhas pode ser mais oneroso, a renda tende até a se equiparar e, por isso, ser mais interessante o desenvolvimento da atividade, já que são colocados mais animais em um determinado espaço, e a gestação e o tempo para o abate são mais curtos, além da possibilidade de venda da lã.

Ribeiro e Quadros (2015), ao analisarem o valor histórico e econômico da pecuária no Bioma Pampa, esclarecem que as formas produtivas e de comercialização da bovinocultura de corte não tiveram grandes avanços, já que apenas 15% dos produtores passaram a praticar a atividade de forma empresarial. Vélez-Martin et al. (2015) também acrescentam que a pecuária em campo nativo, apesar de ser desenvolvida bem abaixo do seu potencial em muitos casos, ainda gera renda para as propriedades rurais e milhares de famílias dependem dessa atividade, que é um grande motivo de permanência do homem no campo nessa região.

A falta de sucessores nas propriedades é um limitante para que os proprietários que ainda estão trabalhando com a produção animal invistam na atividade, já que investir em uma propriedade sem certeza de sucessão torna-se pouco provável.

Quadros et al. (2015) constataam que uma forma importante de preservação da cultura regional é a pecuária em campo nativo, enraizada no histórico do bioma, entretanto, em algumas regiões estão ocorrendo mudanças no uso da terra, e a atividade vem perdendo espaço para as lavouras, silvicultura e até pastagens cultivadas, especialmente pela baixa produtividade da pecuária em campo nativo.

Todos os entrevistados trabalham com produção de terneiros, iniciada a partir do auxílio da associação, que sugeria o enfoque em apenas um ciclo de produção, visando a especialização da atividade. De acordo com Rios e Carvalho (2007), atualmente, estão sendo privilegiados no meio rural os micro-sistemas e suas potencialidades de

organização social, através de arranjos produtivos locais, dentro das possibilidades econômicas das comunidades, sem complexidades burocráticas.

Nessa perspectiva, alguns entrevistados destacaram que em um primeiro momento nem todos os pecuaristas se sentiram seguros à participação na Associação, e os Produtores 8, 9 e 10 afirmaram que esperaram para “ver se ia dar certo”, de modo a se juntarem aos demais para a produção de terneiros e posterior venda em grupo. Um fator relevante para a maior participação dos mesmos é a isenção de burocracia.

A respeito das fontes de renda não agrícolas, 50% dos associados contam com aposentadoria de pelo menos um dos membros da família e apenas 10% com a aposentadoria do casal. Também, um dos entrevistados (Produtor 10) tem como fonte de renda principal atividades não agrícolas na cidade de Alegrete, e tem a produção apenas como um complemento de renda. O restante mantém-se apenas com a renda advinda da criação de terneiros.

Os produtores da Associação, apesar de 60% receberem aposentadoria, seja de um dos membros, ou do casal, enfatizam que a maior parte da renda mensal vem das atividades agropecuárias, ou seja, da produção de terneiros. Por isso, no que se refere às possibilidades de manutenção da família com a renda advinda da produção agropecuária, percebe-se que os produtores de terneiros conseguem obter as condições necessárias para cobrir os gastos e manter a propriedade.

O Produtor 3 argumenta ainda que:

A gente faz um controle, fluxo de caixa, pra gente ver. A gente manda todos os meses para um consultor do Sebrae que analisa os gastos. A gente tem que saber gastar. Não adianta ganhar muito e gastar mais. O que o meu pai comprou, hoje eu não conseguiria comprar, pelas condições. O controle tem que ser feito, saber o que ganha, para saber o que pode gastar. As parcerias entre a gente são muito importantes, se não tivéssemos feito esse grupo e formado a Associação, não teríamos apoio do Sebrae, Senar, Farsul. Os produtores têm que se unir mais, tem que estar junto. Após a chegada do pessoal dos projetos, a gente se dá conta de como estava produzindo errado.

A fala do produtor demonstra que a produção foi se especializando no decorrer dos anos, e a organização dos pecuaristas foi importante na melhoria da produtividade. Além disso, outro associado acrescenta que “atualmente a atividade da Fundação Maronna é visada por outros grupos. Serve de espelho para outras pessoas e instituições. São feitos lotes de todos os produtores com terneiros, para garantia de venda. Desde a

primeira feira já vendeu muito bem.” (PRODUTOR 5). Na região, de uma maneira geral, a bovinocultura de corte é o carro chefe das propriedades, e com os produtores da associação, não é diferente. Quase todos sempre trabalharam com isso, e viram seus pais mantendo as famílias com o dinheiro advindo da produção animal em campo nativo.

A respeito das mudanças ocorridas a partir da associação dos produtores, alguns pontos foram destacados, tais como: adoção de melhores técnicas reprodutivas, como a inseminação artificial; ajuste de carga animal nas pastagens das propriedades, conforme a disponibilidade de oferta de forragem, fato citado como fundamental por um dos produtores; criação de parcerias com outras associações, como por exemplo, a Associação de Hereford e Braford, que doa sêmens para os produtores utilizarem na inseminação das vacas; e melhorias no campo nativo para que haja maior disponibilidade de pastagem para os animais durante o ano, inclusive nas estações de menor qualidade de pastagem.

Pode-se perceber que quase a totalidade dos sistemas de produção da região em estudo tem a alimentação dos animais baseada em pastagens naturais. Nesse sentido, Jacques (1999) destaca que, embora a produtividade das pastagens, de um modo geral, esteja abaixo do desejável em termos de produção animal/ha/ano, é preciso reconhecer sua importância no contexto ecológico e econômico. Quadros (2005) corrobora com a mesma opinião e destaca ainda que a dependência quase exclusiva das pastagens é um fator a ser considerado, o que sugere que a forma como as pastagens são manejadas deve ser avaliada para não ocorrer um esgotamento desse recurso.

Para Pillar, Andrade e Dadalt (2015), as boas práticas de manejo sustentável devem ser adotadas nos campos, para que não comprometam a estrutura e compactação do solo, pela alta carga animal, além da perda de espécies que não se adaptam a esse tipo de manejo. A falta de práticas de manejo conservacionista faz com que seja liberado carbono para a atmosfera. Ou seja, a produção animal em campo nativo, desde que bem manejada, com cuidados necessários do solo, permite a redução de gases de efeito estufa (PILLAR; ANDRADE; DADALT, 2015).

A partir dos crescentes impactos pelas formas de produção que dependem altamente dos insumos químicos e energéticos, voltados à maximização econômica, observa-se que a valorização e a mobilização de recursos locais têm a capacidade de representar uma estratégia de desenvolvimento sustentável, principalmente nessa importante região do estado, que são os Campos Sulinos (BORBA; TRINDADE, 2009). Além disso, os autores consideram que:

A pecuária sustentável – que valorize os recursos naturais campestres – pressupõe um câmbio fundamental, qual seja abandonar a noção de sistemas de produção capital-dependentes em prol de sistemas intensivos em conhecimentos. O que suscita a necessidade de novas concepções sobre o desenvolvimento e novas abordagens (postura epistemológica, aparato conceitual e metodológico) de parte dos “produtores de conhecimentos” (ciência no contexto do local) (BORBA; TRINDADE, 2009, p. 399).

Carvalho et al. (2009) observam que nos países em desenvolvimento, as pastagens enfrentam pressões contraditórias, por existir uma demanda por produtividade, mas também uma preocupação constante com a preservação ambiental, principalmente na região sul do Brasil, onde é imprescindível uma coordenação de esforços para a orientação de políticas de produção, mas também de conservação dos recursos naturais. Portanto, o questionamento que os autores destacam é o de como melhorar o acesso à terra, otimizar a produção agropecuária e ainda conservar os ecossistemas.

Vélez-Martin et al. (2009) consideram que a pecuária é tradicionalmente praticada nos Campos Sulinos de maneira extensiva, baseada no aproveitamento da vegetação nativa da região. Com isso, o uso da pastagem para esses fins tem colaborado para a conservação dos campos naturais, além de impedir o avanço da fronteira agrícola. Nesse sentido, porém, devem ser tomados alguns cuidados com o uso excessivo desses campos, já que o excesso de carga animal e o uso excessivo da pastagem podem degradá-los. Por isso, nem toda a atividade pecuária pode ser considerada sustentável apenas por ser desenvolvida no campo natural.

A importância do uso das pastagens na pecuária do estado do Rio Grande do Sul é destacada a seguir:

[...] as pastagens representam para o Rio Grande do Sul uma excelente alternativa na intensificação da atividade pecuária – do ponto de vista ecológico, energético e econômico. Sem dúvida, a melhor alternativa é aquela que resulta em maior retorno econômico para o produtor, sem causar prejuízo ao ambiente natural (JACQUES, 1999, p. 75).

Ao considerar aspectos técnicos do campo nativo, Fidelis, Appezzato-da-Glória e Pfadenhauer (2009) declaram que a substituição da vegetação original por outra atividade acarreta em alterações do campo como, por exemplo, a redução ou perda da biodiversidade animal e vegetal, podendo ainda, como consequência, aumentar a população de invasoras, como o capim-annoni (*Eragrostis plana*). Além disso,

consideram que a substituição dos campos pela produção de grãos ou obtenção de celulose vem, com o passar dos anos, descaracterizando a paisagem. A partir dessa mesma abordagem, Bencke (2009) declara que a conversão das pastagens nativas em outros usos é o fator que mais contribui para o declínio da fauna do Bioma Pampa.

Dentro dessa perspectiva, Quadros et al., (2015) acrescenta que, para um convívio harmonioso com a atividade econômica rentável para a região, que é a pecuária desenvolvida em campo nativo, deve-se ter conhecimento das características das plantas presentes no campo e das necessidades dos animais, permitindo um manejo que tenha como enfoque a conservação do patrimônio ecológico e cultural, garantindo a sustentabilidade regional.

Considerações Finais

A partir do estudo de caso realizado com a Associação de Produtores do Rincão do Vinte e Oito, entende-se que as intervenções realizadas junto aos associados foram importantes na organização das atividades produtivas através da feira de terneiros e do acompanhamento das propriedades com assistência técnica.

Apesar de alguns problemas sucessórios, até o momento, a pecuária em campo nativo, enraizada no histórico produtivo regional, continua prevalecendo nas propriedades de Alegrete, já que os produtores se instalaram há muito tempo no meio rural e veem nessa atividade uma tradição da região, e que ganhou força em anos mais recentes após a consolidação da associação de produtores, possibilitando a organização da atividade produtiva a partir da especialização e melhoria da produção de bovinos de corte com enfoque na produção de terneiros, gerando uma melhoria de renda para as famílias rurais.

Ao se traçar o perfil desses pecuaristas familiares, nota-se que os motivos para a continuidade dos associados na produção animal devem-se, em particular, ao tradicionalismo. A respeito dos sistemas produtivos, evidencia-se que alguns ainda estão em fase de estruturação/reestruturação, principalmente os daqueles produtores que entraram na associação posteriormente, esperando para ver se as ações propostas pelos associados, relacionadas a organização para a venda dos terneiros em uma feira iam acontecer.

As potencialidades dos sistemas produtivos estão centradas na possibilidade de organização dos produtores, seja na compra de insumos, na participação nas feiras de

terneiros ou na cooperação mútua para o trabalho nas propriedades. Já as limitações são centradas na falta de sucessores, assunto recorrente e que preocupa todos os associados, e na baixa renda advinda da bovinocultura de corte, sobretudo quando essa atividade é a principal fonte de lucro da propriedade.

O avanço nas atividades relacionadas à bovinocultura de corte foi importante, porém, como perspectivas de futuro, novas ações são necessárias para os produtores do Rincão do Vinte e Oito, especialmente aquelas relacionadas ao apoio governamental através de programas para a permanência do jovem no campo, que os incentive a seguir na atividade produtiva mais tradicional da região.

Pode-se dizer que, de uma maneira geral, os produtores estão organizados com a atividade e pretendem manter a família com a produção de bovinos de corte, mesmo depois de aposentados. A saída do campo para a cidade não foi comentada pelos sujeitos da pesquisa. Acredita-se que este fato se deve à idade avançada dos entrevistados. Entretanto, o fato de alguns filhos terem outros planos para o futuro, que não envolvem o meio rural, a falta de sucessores para as propriedades é um grande motivo de preocupação.

Referências

BENCKE, G. A. Diversidade e conservação da fauna dos Campos do Sul do Brasil. In: PILLAR, V. D. P. et al. **Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. 403 p.

BORBA, M.; TRINDADE, J. P. P. Desafios para conservação e a valorização da pecuária sustentável. In: PILLAR, V. D. P. et al. **Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. 403 p.

BRASIL. **Lei Nº 6.746, de 10 de dezembro de 1979**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6746.htm>. Acesso em 17 maio 2017.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. de (Org.). **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

CARVALHO, P. C. F. et al. Lotação animal em pastagens naturais: políticas, pesquisas, preservação e produtividade. In: PILLAR, V. D. P. et al. **Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. 403 p.

COSTA, C. da; FROELICH, J. M. **Políticas públicas e masculinização rural no Rio Grande do Sul - uma abordagem a partir das condições regionais**. v. 9, n. 17, 2014 p. 27-54.

FIDELIS, A. APPEZZATO-DA-GLÓRIA, B.; PFADENHAUER, J. A importância da biomassa e das estruturas subterrâneas nos Campos Sulinos. In: PILLAR, V. D. P. et al. **Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. 403 p.

FOGUESATTO, C. R. et al. Fatores Relevantes para a Tomada de Decisão dos Jovens no Processo de Sucessão Geracional na Agricultura Familiar. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, v.37, n.130, p.15-28, jan./jun. 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 5. ed., 2010, 184 p.

JACQUES, A. V. A. Potencialidades das pastagens do Rio Grande do Sul visando à intensificação da pecuária. In: LOBATO, J. F. P.; BARCELLOS, J. O. J.; KESSLER, A. M. (Coord.). **Produção de Bovinos de Corte**. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 1999.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PILLAR, V. P.; ANDRADE; B. O.; DADALT, B. Serviços ecossistêmicos. In: PILLAR, V. P.; LANGE, O. **Os Campos do Sul**. Porto Alegre: Rede Campos Sulinos – UFRGS, 2015. 192 p.

QUADROS, F. L. F. et al. Cuidar e fazer diferente. In: PILLAR, V. P.; LANGE, O. **Os Campos do Sul**. Porto Alegre: Rede Campos Sulinos – UFRGS, 2015. 192 p.

RIBEIRO, C. M.; QUADROS, F. L. F. Valor histórico e econômico da pecuária. In: PILLAR, V. P.; LANGE, O. **Os Campos do Sul**. Porto Alegre: Rede Campos Sulinos – UFRGS, 2015. 192 p.

RIOS, G. S. L.; CARVALHO, D. M. de. Associações de agricultores familiares como estruturas de ensaio pré-cooperativas. **Economia Solidária e Ação Cooperativa (ESAC)**. julho/dezembro 2007 p. 129-136.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VÉLEZ-MARTIN, E. et al. Um panorama sobre as iniciativas de conservação dos Campos Sulinos. In: PILLAR, V. D. P. et al. **Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. 403 p.

VÉLEZ-MARTIN, E. et al. Políticas públicas para os campos. In: PILLAR, V. P.; LANGE, O. **Os Campos do Sul**. Porto Alegre: Rede Campos Sulinos – UFRGS, 2015. 192 p.